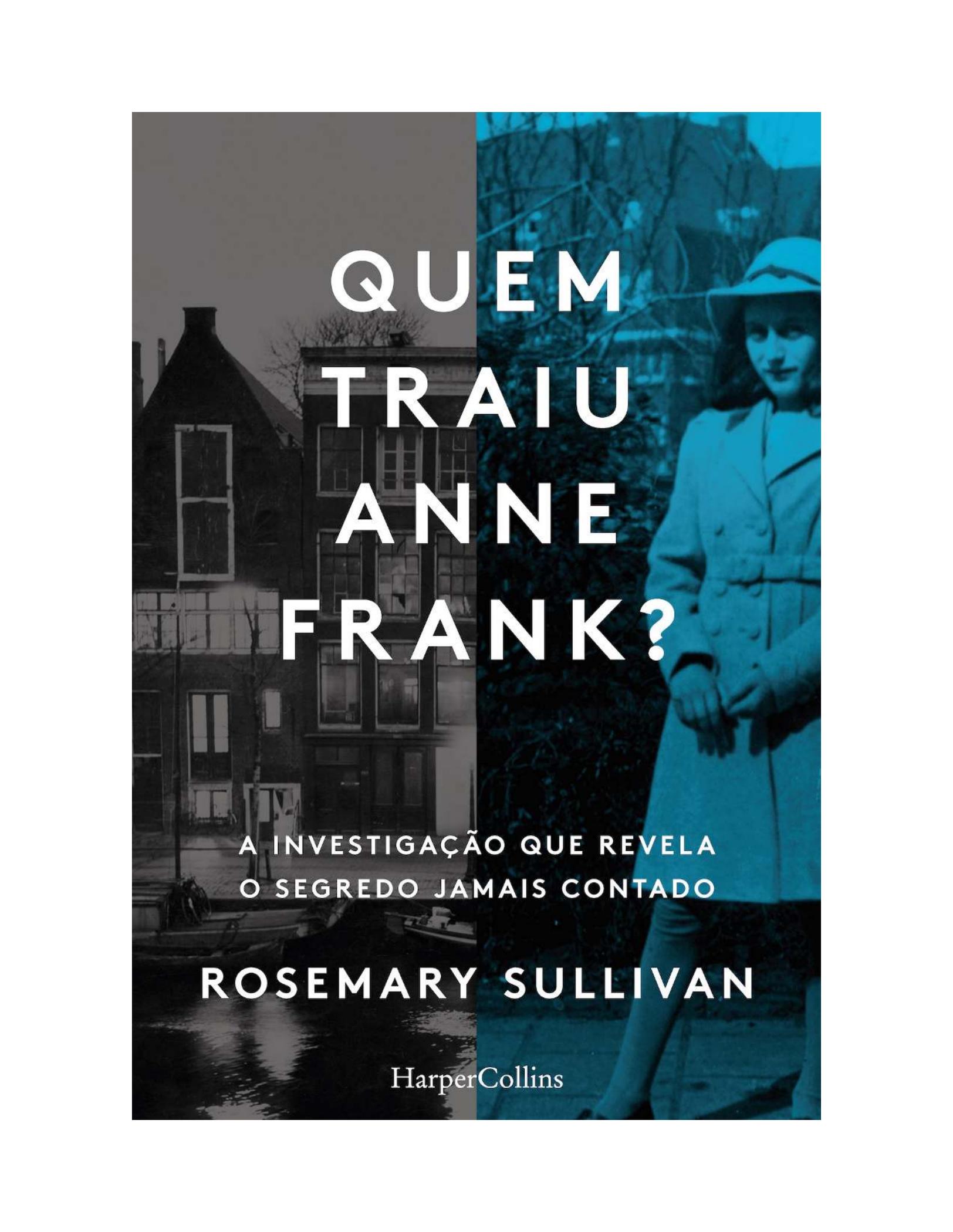


# QUEM TRAIU ANNE FRANK?

A INVESTIGAÇÃO QUE REVELA  
O SEGREDO JAMAIS CONTADO

ROSEMARY SULLIVAN

HarperCollins



# QUEM TRAIU ANNE FRANK?

A INVESTIGAÇÃO QUE REVELA  
O SEGREDO JAMAIS CONTADO

ROSEMARY SULLIVAN

HarperCollins



**QUEM  
TRAIU  
ANNE  
FRANK?**

**A INVESTIGAÇÃO QUE REVELA  
O SEGREDO JAMAIS CONTADO**

**ROSEMARY SULLIVAN**

HarperCollins



Editado por HarperCollins Ibérica,  
S. A. Núñez de Balboa, 56  
28001 Madrid

Título em português: Quem traiu Anne Frank? A investigação que revela o  
segredo jamais contado

Título original: The Betrayal of Anne Frank

© 2022, Rosemary Sullivan & Proditione Media B.V.

Posfácio, © 2022 Vincent Pankoke

© 2022, para esta edição HarperCollins Ibérica, S. A.

Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Tradutor: Filipa Velosa

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em  
qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers LLC,  
New York, U.S.A.

Desenho da capa: Joanne O'Neill

Imagens da capa: © Spaarnestad Photo/Bridgeman Images; © Anne Frank  
Fonds Basel/Getty Images

Mapas cortesia de Shutterstock/Bardocz Peter

Layout e conversão de livros electrónicos: MT Color & Diseño, S.L.

ISBN: 9788491396772

## Sumário

Quem traiu Anne Frank?

Prefácio: O dia da memória nacional e a lembrança da falta de liberdade

1. A rusga e o polícia verde

2. *O Diário de Anne Frank*

3. A Equipa do Caso Arquivado

4. As partes interessadas

5. «Vejam os que o homem consegue fazer!»

6. Um interlúdio de segurança

7. O ataque

8. Prinsengracht, 263

9. O esconderijo

10. Pediam-te e dizias que sim

11. Um incidente angustiante

12. Anatomia de uma rusga

13. O campo de Westerbork

14. O regresso

15. Os colaboracionistas

16. Eles não vão voltar

17. A investigação

18. Os Homens Documento

19. A outra estante

20. A primeira traição

21. O chantagista

22. O bairro

23. A ama

24. Outra teoria

25. Os «caçadores de judeus»

26. *A V-Frau*

27. Sem provas conclusivas, primeira parte

28. «Vão com os vossos judeus!»

[29. Sondando a memória](#)

[30. Descoberto em Viena o homem que prendeu a família Frank](#)

[31. O que Miep sabia](#)

[32. Sem provas conclusivas, segunda parte](#)

[33. O merceeiro](#)

[34. O Conselho Judeu](#)

[35. Uma segunda vista de olhos](#)

[36. O notário holandês](#)

[37. Especialistas em ação](#)

[38. Uma nota entre amigos](#)

[39. A datilógrafa](#)

[40. A neta](#)

[41. O caso Goudstikker](#)

[42. Uma bomba](#)

[43. Um segredo bem guardado](#)

[Epílogo: A cidade das sombras](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Arquivos e instituições](#)

[Glossário](#)

[Bibliografia](#)

[Notas de pé de página](#)

[Folheto de imagens](#)

## **PREFÁCIO**

### O dia da memória nacional e a lembrança da falta de liberdade

Desembarquei no Aeroporto de Schiphol em Amesterdão numa sexta-feira, dia 3 de maio de 2019, e apanhei um táxi para uma morada situada na Spuistraat, em pleno centro da cidade. Fui recebida por uma mulher da Fundação Holandesa para a Literatura que me mostrou o apartamento onde me ia instalar durante o mês seguinte. Estava em Amesterdão para escrever um livro sobre a investigação de um caso arquivado acerca de quem traiu Anne Frank e os restantes ocupantes do Anexo Secreto no dia 4 de agosto de 1944, um mistério ainda por resolver.

A maior parte de nós está a par das linhas gerais da «história de Anne Frank», isto é, que a adolescente judia se escondeu com os seus pais, a sua irmã e uns amigos da família num sótão em Amesterdão durante mais de dois anos aquando da ocupação nazi da Holanda na Segunda Guerra Mundial. Hipoteticamente, o grupo foi delatado e enviado para campos de concentração, tendo apenas sobrevivido Otto Frank, o pai de Anne. Sabemo-lo de sobra devido ao incrível diário deixado pela menina no Anexo Secreto naquele dia de agosto depois de o grupo ter sido levado pelos nazis.

Parte da narrativa cultural holandesa, a história de Anne Frank sempre tocou fortemente o cineasta holandês Thijs Bayens que, em 2016, convidou o jornalista seu amigo, Pieter van Twisk, para participar num projeto que, tendo começado por ser um documentário, rapidamente passou a incluir um livro. Foi ganhando força aos poucos, mas, em 2018, já havia, no mínimo, vinte e duas pessoas a trabalhar diretamente no caso, para além da participação de um sem-fim de consultores profissionais. A investigação iniciou-se com o desafio de identificar o delator, mas de imediato se alargou. A Equipa do Caso Arquivado, como se passaram a designar, queria compreender o que acontecia a uma população sob ocupação inimiga quando a vida diária passa a ser tecida pelo medo.

No dia seguinte à minha chegada, sábado 4 de maio, comemorava-se o Dia da Memória Nacional, em que os holandeses relembram as atrocidades da Segunda Guerra Mundial e comemoram a vitória renhida. Thijs Bayens tinha-me convidado para me juntar a ele e ao seu filho Joachim na marcha silenciosa pelas ruas de Amesterdão que assinala o início das solenidades comemorativas.

Éramos, porventura, umas duzentas pessoas, embora a multidão fosse aumentando à medida que desfilávamos pelas ruas. Ouvimos brevemente a orquestra cigana a tocar em frente do teatro da ópera e continuámos rumo ao Bairro Judeu, passando pela monumental Sinagoga Portuguesa, pelo Museu Histórico Judaico e pelo Hermitage, onde placas comemorativas se espalhavam pelo chão. Virando à esquerda, seguimos o curso do rio Amstel e atravessámos a «Magere Brug» (a ponte estreita), a ponte branca de madeira que os nazis barricaram com arame farpado no dia 12 de fevereiro de 1941, para assim isolarem o Bairro Judeu (reabriu alguns dias depois por pressão do município). Prosseguimos pelo centro da cidade até à Praça Dam que estava abarrotada com cerca de vinte e cinco mil pessoas que ali se tinham juntado para verem o rei e a

rainha e ouvirem o discurso da presidente da câmara de Amesterdão, Femke Halsema, que proferiu as seguintes palavras:

*Escrever uma mensagem ou fazer um telefonema; fazer ou não fazer ouvir a nossa voz; abraçar o nosso amor; atravessar ou não atravessar a rua; vir aqui esta noite, à Dam, no dia 4 de maio, ou não vir. Centenas de vezes por dia temos de escolher, sem pensar, sem restrições... Em que medida é que a perda total de liberdade afeta uma pessoa? O facto de sofrer uma ocupação? Quando o espaço à nossa volta encolhe?*

*A nossa liberdade foi precedida pela dor e por um imenso pesar... É por isso que perpetuamos a memória da falta de liberdade, como se a guerra tivesse sido ontem. É por isso que comemoramos... este ano, no próximo, e em todos os anos vindouros[1].*

Depois de me ter instalado, no dia seguinte, fui jantar com Thijs. Falámos sobre a política na Europa, nomeadamente sobre a xenofobia galopante e os sentimentos contra os emigrantes. Então, perguntei-lhe porque tinha decidido levar a cabo a investigação daquele caso arquivado, ao que me respondeu que, enquanto cineasta, a vida pessoal se entrelaçava com o trabalho. Tendo crescido na Amesterdão da década de 1970, quando a cidade era mundialmente conhecida pela sua índole idiossincrática, de espírito livre, abundavam os ocupas, as comunas de artistas e as marchas pela paz. Naquela época, a liberdade era palpável e exibia-se. Mas tudo isso tinha mudado. Na Holanda, na Europa, na América, estamos a assistir a uma vaga de racismo e de medo.

Uns meses antes, ele tinha ido à Rua Prinsengracht e ficado preso numa longa fila de visitantes à Casa de Anne Frank. Ao observar a multidão, pensou que a família Frank e os restantes ocupantes do sótão eram apenas pessoas normais de um bairro normal cheio de conhecidos e colegas, vizinhos e comerciantes, tios e tias. Tão simples quanto isso. E eis que as maquinações rasteiras do fascismo se instalaram. De modo lento, mas visível, as

relações humanas viram-se submetidas à pressão e as pessoas viraram-se umas contra as outras.

Thijs abandonou a multidão concentrada à porta da Casa de Anne Frank e tomou uma decisão: ia iniciar um debate público. Amesterdão já não era um baluarte do individualismo. Onde outrora reinara a tolerância, agora só restava a desconfiança. Em que altura é que tínhamos desistido uns dos outros? Por quem é que damos a cara? E por quem é que nos recusamos a fazê-lo? E o modo de iniciar esse diálogo seria a traição de que Anne Frank foi alvo. Thijs disse-me que havia um mural de dezoito metros de altura a norte de Amesterdão de onde se vê quase toda a cidade. É um retrato de Anne com uma citação do seu diário: «Se pudesse apenas ser eu própria». Ele referiu que achava que ela estava a falar connosco.

Thijs queria mostrar-me uma coisa. Caminhámos até à Torensuis, uma das pontes mais largas de Amesterdão, sobre o canal Singel. Diante de mim, erguia-se uma enorme escultura num pedestal de mármore. Thijs disse-me que era Eduard Douwes Dekker, um dos mais conceituados autores da Holanda do século XIX, famoso pelo seu romance que denunciava os abusos do colonialismo nas Índias Orientais Holandesas. Thijs acrescentou que a escultura tinha sido feita pelo seu pai, Hans Bayens, o que me surpreendeu. Inúmeras esculturas da autoria do seu pai estão espalhadas por Amesterdão, Utreque e Zwolle, entre outras cidades.

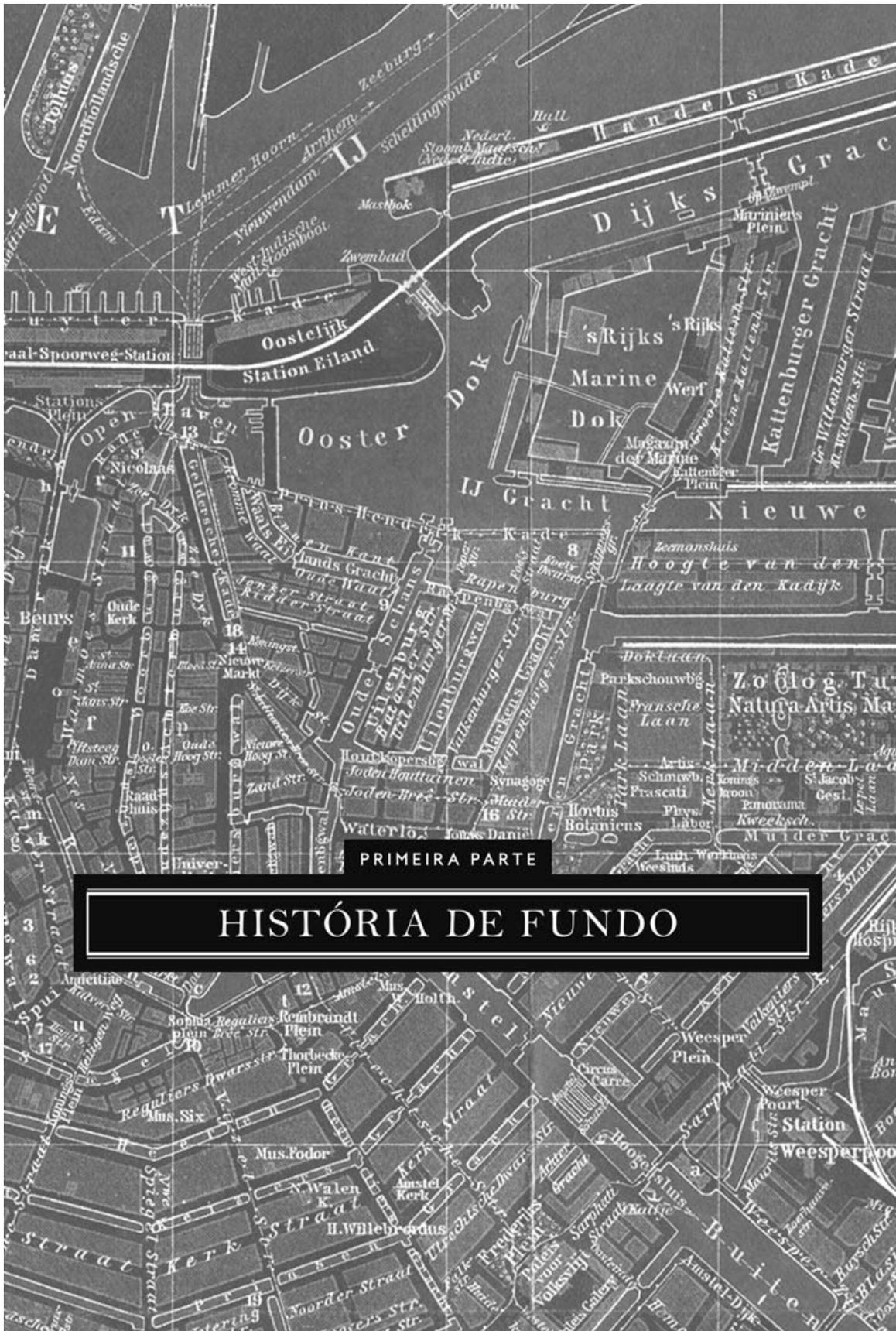
Thijs contou-me que o seu pai raramente falava da guerra. Fora demasiado traumática. A sua mãe dizia que vários anos após o fim do conflito, o seu pai ainda acordava com frequência a meio da noite com pesadelos, de braços esticados para a janela, dizendo aos gritos que os bombardeiros os estavam a sobrevoar.

Thijs nunca chegou a conhecer os seus avós, ambos morreram antes de ele nascer. Mas ouviu as histórias. O que mais o impressionou foi o facto de perceber que a sua

casa fora um *doorgangshuis* (lugar de trânsito) usado pela resistência para esconder judeus. Houve sempre um sem-número de judeus escondidos na cave, alguns durante várias semanas seguidas, enquanto a resistência procurava lugares mais permanentes onde pudessem passar à clandestinidade.

Quando iniciámos o projeto de Anne Frank, Thijs falou com o melhor amigo do seu pai para lhe perguntar que lembranças guardava da guerra. O amigo sugeriu-lhe que entrevistasse Joop Goudsmit, de noventa e três anos, que esteve com os avós de Thijs durante a guerra. Goudsmit tornou-se parte da família Bayens e pôde descrever a casa, o quarto da cave onde permaneceu escondido, o rádio proibido oculto debaixo das tábuas do soalho no armário, e o número de judeus que por lá passaram. Ele referiu que os riscos que os Bayens correram foram extremos, nomeadamente os contactos com falsificadores de documentos de identidade.

É desconcertante pensar que o pai de Thijs nunca lhe tenha contado nada disso, mas era típico. Depois da guerra, tanta gente alegou falsamente ter feito parte da resistência que aqueles que correram verdadeiros riscos, como os avós de Thijs, preferiam muitas vezes permanecer em silêncio. Mas a guerra moldou a família de Thijs e ele reconheceu que a investigação do que causou a rusga ao Anexo Secreto lhe permitiu embrenhar-se no labirinto que constituía a sua própria história familiar. A história de Anne Frank é icónica, mas é também assaz familiar, repetida centenas de milhares de vezes por essa Europa fora. Thijs referiu que o considerava como um aviso. «Não se pode permitir que isto volte a acontecer», disse ele.



PRIMEIRA PARTE

# HISTÓRIA DE FUNDO



# 1

## A rusga e o polícia verde

No dia 4 de agosto de 1944, Karl Josef Silberbauer, um oficial alemão das SS de trinta e três anos de idade, sargento do Sicherheitsdienst (SD) Referat IV B4, coloquialmente conhecida como «unidade de caça de judeus», estava sentado no seu escritório na Euterpestraat, em Amesterdão, quando o telefone tocou. O telefonema apanhou-o de saída para ir comer qualquer coisa, mas de qualquer forma atendeu, coisa de que mais tarde se arrependeu. Era o seu superior, o também tenente alemão Julius Dettmann, que o informou de que tinha acabado de receber uma chamada alegando que havia judeus escondidos num armazém na rua Prinsengracht 263, no centro de Amesterdão. Dettmann não revelou a Silberbauer quem fora o autor da chamada, mas era com certeza alguém de confiança e bem conhecido do serviço de segurança das SS. Havia demasiados casos de denúncias anónimas que se revelavam inúteis ou desatualizadas; quando a unidade de caça de judeus chegava, os judeus já tinham debandado para outro lugar. O facto de Dettmann ter agido de imediato após o telefonema indica que confiava na fonte e que a informação valia bem a pena ser investigada.

Dettmann telefonou ao sargento inspetor holandês Abraham Kaper, do Gabinete de Assuntos Judaicos, e ordenou-lhe que enviasse alguns agentes à referida morada da Prinsengracht para acompanharem Silberbauer. Kaper encomendou a missão a dois polícias holandeses, Gezinus Gringhuis e Willem Grootendorst, da unidade IV B4, e a um terceiro agente.

Há inúmeras versões do que sucedeu antes e depois de Silberbauer e os seus homens terem chegado ao número 263 da Prinsengracht. A única coisa que se sabe com certeza é que encontraram oito pessoas escondidas: Otto Frank, a sua esposa Edith e as suas duas filhas, Anne e Margot; Hermann van Pels, amigo e colega de trabalho de Otto, a sua esposa Auguste e o seu filho Peter; e o dentista Fritz Pfeffer. Os holandeses têm um termo para designar esta forma de se esconder: *onderduiken*, «mergulhar»<sup>[1]</sup>. Há dois anos e trinta dias que tinham «mergulhado».

Estar preso, embora injustamente, é uma coisa, mas viver na clandestinidade é outra bem diferente. Como é que se consegue aguentar vinte e cinco meses de reclusão absoluta: não poder ir à janela por medo a ser visto; nunca pôr um pé na rua nem respirar ar puro; ter de permanecer em silêncio durante horas a fio para os funcionários do armazém de baixo não suspeitarem? Para manter semelhante disciplina, há que sentir um medo atroz. A maioria das pessoas teria dado em doida.

Durante as longas horas de cada dia útil, sussurrando pontualmente ou andando em bicos de pés enquanto os funcionários se dedicavam à sua labuta diária mais abaixo, em que é que se ocupavam? Estudavam, escreviam. Otto Frank lia história e romances (os seus preferidos eram os de Charles Dickens). As crianças estudavam inglês, francês e matemática. E tanto Anne como Margot tinham um diário. Estavam a preparar-se para a vida do pós-guerra. Ainda acreditavam no futuro e na civilização, enquanto lá

fora os nazis e os seus cúmplices e informadores tentavam exterminá-los.

No verão de 1944, o otimismo invadiu o Anexo. Otto afixou um mapa da Europa na parede e acompanhava as notícias da BBC e os comunicados do governo holandês exilado em Londres através da Rádio Oranje. Embora os alemães tivessem confiscado os aparelhos de rádio para impedir que a população neerlandesa ouvisse os noticiários estrangeiros, Otto conseguiu levar um rádio consigo quando passaram à clandestinidade e nele seguia o avanço das forças aliadas nos noticiários da noite. Dois meses antes, a 4 de junho, os Aliados tomaram Roma e quarenta e oito horas depois teve lugar o Dia D, a maior invasão anfíbia da História. No fim de junho, os americanos encontravam-se atolados na Normandia, mas no dia 25 de julho lançaram a Operação Cobra e a resistência alemã no noroeste de França foi-se abaixo. A leste, os russos iam ganhando terreno na Polónia. No dia 20 de julho, vários membros das altas esferas de Berlim levaram a cabo uma tentativa de assassinato contra Hitler que provocou grande alegria entre os ocupantes do Anexo Secreto.

De súbito, tinha-se a impressão de que só faltavam umas semanas para o fim do conflito, no máximo uns dois meses. Toda a gente fazia planos para depois da guerra. Margot e Anne começaram a falar do regresso às aulas.

E então, o impensável aconteceu. Como diria Otto numa entrevista quase duas décadas depois: «Quando chegaram os da Gestapo com as suas pistolas, foi o fim de tudo»<sup>[2]</sup>.

Dado que Otto foi o único sobrevivente dos oito, só dispomos do seu relato para saber o que aconteceu do prisma dos ocupantes do Anexo. Recordava a detenção com tanta vividez que é evidente que tinha esse momento gravado a fogo na memória.

Eram, contava ele, por volta das dez e meia da manhã. Ele estava lá em cima, a dar aula de inglês a Peter van Pels.

Ao fazer um ditado, Peter escreveu mal a palavra *double*: escreveu-a com dois *b*. Otto estava a indicarlhe o erro quando ouviu alguém a subir estrondosamente pelas escadas. Assustou-se, porque a essas horas todos os ocupantes da casa tentavam fazer o mínimo de barulho possível para não serem ouvidos nos escritórios abaixo. Abriu-se a porta e apareceu um homem de arma na mão. Não estava fardado. Levantaram os braços. O desconhecido conduziu-os para baixo sob a ameaça da pistola[3].

Da sua descrição da rusga transmite-se uma sensação de profundo pasmo. Durante um acontecimento traumático, o tempo passa ao ralenti, parece dilatar-se e alguns pormenores revestem-se de uma estranha relevância. Otto lembrava-se do erro ortográfico, da aula de inglês, do ranger das escadas, da pistola apontada para eles.

Lembrava-se de que estava a dar aulas a Peter. Lembrava-se da palavra que o rapaz errou: *double*, só com um *b*. Assim dita a regra ortográfica. Otto acreditava nas regras, mas uma força sinistra estava a subir as escadas com tenções de aniquilá-lo a ele e a tudo o que amava. Porquê? Por ânsia de poder, por ódio ou simplesmente porque podia? Com a perspectiva do tempo, vê-se que Otto manteve esse horror avassalador sob controlo, que conservou o domínio de si próprio porque outras pessoas dependiam dele. Ao ver a pistola que o polícia empunhava, relembrou o avanço dos Aliados; de que a sorte, o azar ou o destino ainda podiam ser a salvação de todos. Mas estava enganado. A sua família e ele viajariam nos vagões de carga do último comboio que partiu com destino a Auschwitz. Era impensável, mas Otto tinha consciência de que o impensável podia acontecer.

Quando Peter e ele chegaram ao andar principal do Anexo, encontraram os outros de pé com os braços no ar. Não houve ataques de histeria nem prantos. Só silêncio.

Estavam todos estupefactos, pasmados perante o que estava a ocorrer, quando já viam o fim tão próximo.

No meio da divisão, Otto viu um homem que deduziu que pertencia à Grüne Polizei, como os holandeses chamavam à polícia alemã de ocupação devido à sua farda verde. Era, claro está, Silberbauer (que de facto não pertencia à Grüne Polizei, mas às SS). O sargento das SS garantiria posteriormente que nem ele nem os agentes à paisana puxaram das armas. Mas o testemunho de Otto é o mais fidedigno do ocorrido. O depoimento de Silberbauer, como o da maioria dos membros das SS depois da guerra, tinha como único fim ficar isento de responsabilidade.

A calma com que os escondidos reagiram pareceu irritar o nazi. Quando lhes ordenou que pegassem nas suas coisas para serem levados para a sede da Gestapo na Euterpestraat, Anne agarrou na pasta do pai, que continha o seu diário. Otto Frank contava que Silberbauer lhe arrancou a pasta, atirou o diário com a capa axadrezada e as folhas soltas ao chão e encheu a pasta com os poucos objetos de valor e o dinheiro que Otto e os restantes ainda conservavam, incluído o pacotinho de ouro de dentista que Fritz Pfeffer guardava. Os alemães estavam a perder a guerra. Naquele momento, grande parte do espólio que as «unidades de caça de judeus» requisitavam para o Reich acabava nos bolsos de algum particular.

Ironicamente, foi a avareza de Silberbauer que salvou o diário de Anne Frank. Se ela se tivesse aferrado à pasta, se a tivessem deixado levá-la quando a prenderam, não restam dúvidas de que ao chegar ao quartel do SD lhe teriam confiscado os textos e os teriam destruído e perdido para sempre.

Conforme os relatos de Otto, naquele momento Silberbauer reparou no baú cinzento guarnecido com ferragens que havia debaixo da janela. Na tampa lia-se *Leutnant d. Res. Otto Frank*: tenente na reserva Otto Frank. «De onde tirou esse baú?», perguntou Silberbauer.

Quando Otto lhe disse que tinha servido como oficial na Primeira Guerra Mundial, o sargento pareceu impressionado. Tal como contava Otto:

*Apanhou uma grande surpresa. Olhou-me com estranheza e, por fim, disse:*

*— Então, porque não informou da sua patente?*

*Eu mordi o lábio.*

*— Mas, homem, teria recebido um tratamento decente! Tê-lo-iam mandado para Theresienstadt.*

*Não disse nada. Pelos vistos pensava que Theresienstadt era uma casa de repouso, por isso calei-me. Limitei-me a olhar para ele. Mas de repente desviou os olhos e percebi uma coisa: estava em sentido. No seu interior, aquele sargento de polícia tinha-se posto em sentido. Se se tivesse atrevido, até me poderia ter feito continência.*

*Então, bruscamente, deu meia-volta e correu escadas acima. Voltou a descer pouco depois, subiu de novo, e assim esteve um bom bocado, para cima e para baixo, para cima e para baixo, enquanto dizia bem alto:*

*— Não temos pressa!*

*Gritou-nos essas mesmas palavras, a nós e aos seus agentes*[\[4\]](#).

De acordo com a descrição de Otto, é o nazi que perde a compostura e desata a correr para cima e para baixo como o Chapeleiro Louco enquanto os restantes mantêm a calma. Otto advertiu o culto germânico à obediência castrense na reação instintiva de Silberbauer ao saber que tinha sido oficial do exército, mas talvez tenha subestimado o seu racismo reflexo, automático. Anos depois diria: «Quem sabe se [Silberbauer] não nos teria salvado se tivesse ido sozinho»[\[5\]](#).

É questionável que o tivesse feito. Após conduzir os detidos para o camião que esperava para os levar ao quartel da Gestapo, onde seriam interrogados, Silberbauer regressou ao edifício da Prinsengracht para interrogar uma empregada de escritório, Miep Gies. É possível que não tenha mandado prendê-la porque era austríaca, como ele, mas isso não impediu que lhe desse um sermão. «Não tem vergonha de ajudar essa escumalha judia?», disse-lhe[\[6\]](#).

Karl Silberbauer asseguraria posteriormente que só soube anos depois, ao ler no jornal, que entre as dez

pessoas que prendeu nesse dia se encontrava a adolescente de quinze anos, Anne Frank.

Em 1963, quando um jornalista de investigação deu com o seu paradeiro, afirmou:

*Não me lembro das pessoas que tirava dos seus esconderijos. Teria sido diferente se tivesse sido gente como o general De Gaulle ou um cabecilha da resistência, ou uma coisa do género. Essas coisas não se esquecem. Se não tivesse estado de guarda quando o meu colega recebeu a chamada (...) não teria tido nenhum contacto com essa tal Anne Frank. Ainda me lembro de que estava prestes a sair para ir comer qualquer coisa. E, como esse caso se tornou famoso depois da guerra, é a mim que me calha aguentar esta confusão. Gostava de saber quem está por trás deste assunto. Certamente esse Wiesenthal ou alguém do ministério que pretende cair nas boas graças dos judeus[7].*

É difícil imaginar uma resposta mais desprezível e que denote uma sensibilidade mais tosca. Naquele momento, Silberbauer já sabia perfeitamente que «essa tal Anne Frank» que deteve no dia 4 de agosto de 1944 tinha morrido de fome e tifo no campo de concentração de Bergen-Belsen. É como se a jovem falecida não importasse: como se fosse irrelevante, irreal ou como se o seu sofrimento fosse insignificante. Como se, na verdade, a vítima fosse ele. É curioso que, ao ver-se desmascarado, o valentão se sinta sempre embargado pela autocompaixão.

## 2

### *O Diário de Anne Frank*

*O Diário de Anne Frank* é um dos livros mais angustiantes que se pode ler, se for lido como é na realidade: o relato quotidiano de uma vida em cativeiro de uma rapariga de treze anos durante a aterradora ocupação nazi da sua cidade. Anne Frank plasma nele cada minúcia dos mais de dois anos de existência claustrofóbica que passou com a sua família no Anexo contíguo à empresa do seu pai.

Anne sabe o que há lá fora. Tal como as outras sete pessoas com quem partilha o espaço, vive num estado de medo constante, passa fome, tem pesadelos onde sonha que a levam e convive com a ameaça iminente de que os descubram e matem. Não foi a primeira pessoa a ter esta experiência, mas pode ter sido uma das primeiras a escrever sobre ela enquanto estava a suceder. As outras obras-primas sobre o Holocausto — *Noite*, de Elie Wiesel, e *Se Isto é um Homem*, de Primo Levi — foram escritas anos depois, em retrospectiva, pelos sobreviventes. Mas Anne Frank não sobrevive.

E por isso é que o seu diário é tão angustiante. O leitor sabe desde o início como acaba a história, embora Anne o desconheça.

Anne Frank recebeu o diário como prenda pelo seu décimo terceiro aniversário, no dia 12 de junho de 1942.

Passado menos de um mês, a 6 de julho, a família escondeu-se, depois de a sua irmã mais velha, Margot, que então tinha dezasseis anos, ter recebido uma convocatória para se unir ao *Arbeitseinsatz*, o serviço de trabalho obrigatório na Alemanha. Otto Frank já sabia que esse «serviço obrigatório» era um eufemismo para trabalho escravo.

Ansiando por uma companheira íntima, Anne inventou uma amiga à qual chamou Kitty, a quem começou a escrever com uma franqueza absoluta. No seu diário, escreve acerca da esperança, dos mistérios do seu corpo de mulher, da sua paixão adolescente pelo rapaz de dezassete anos cuja família partilhava o Anexo com os Frank... Continua a ser uma menina: recorta fotografias de estrelas de cinema e de membros da família real e cola-as à parede do seu quarto. Embora tenha nascido em Frankfurt, na Alemanha, chegou à Holanda com quatro anos e meio e a sua primeira língua é agora o holandês, a língua em que escreve no seu diário. Aspira a ser escritora. Sonha com um futuro em que será famosa. Para o leitor, tudo isto é demolidor porque sabe que para Anne não há futuro.

O mundo em que vive parece-nos irreconhecível. Em julho de 1943, a família descobre que Anne precisa de óculos. Miep Gies, uma das protetoras dos habitantes do Anexo Secreto, oferece-se para a levar ao oftalmologista, mas Anne fica petrificada perante a ideia de sair à rua. Quando tenta vestir o casaco, a família descobre que lhe está pequeno, o que, somado à sua palidez, faria com que fosse muito fácil identificá-la como judia escondida. Anne terá de ficar sem óculos. Em agosto de 1944, perfazem-se vinte e cinco meses desde que não sai à rua.

Abrir janelas poderia alertar as pessoas dos estabelecimentos vizinhos para o facto de o Anexo estar ocupado. Para respirar ar fresco, Anne tinha de se inclinar e inspirar o pouco ar que entra pelo parapeito da janela. No seu diário, escreve que estar fechada naquelas divisões

estreitas é incrivelmente claustrofóbico e que o silêncio que as pessoas escondidas têm de manter agrava o terror que nunca parece diminuir. Vê-se a subir e descer as escadas sem parar, presa como um pássaro na gaiola. A única solução é dormir, e até o sono é interrompido pelo medo[1].

Ainda assim, sobrepõe-se sempre ao desânimo. Conta a «Kitty» que a melhor forma de manter o medo e a solidão à distância é procurar o recolhimento na natureza e entrar em comunhão com Deus, como se, ao sentar-se à janela do sótão a contemplar o céu azul, se pudesse esquecer por um momento de que não podia sair do Anexo. Como era possível que fosse tão efervescente, tão otimista, tão cheia de vida no meio de uma repressão tão brutal?

Quase no final do diário, Anne registra uma noite especialmente aterradora em que uns ladrões entram no armazém e alguém — a polícia, muito provavelmente — bate na estante que ocultava a entrada do Anexo Secreto.

Anne conta a Kitty que acreditou que ia morrer. Ao sobreviver àquela noite, o seu primeiro impulso foi declarar que ia dedicar-se às coisas que mais amava: à Holanda, ao holandês e à escrita. E que nada a deteria até cumprir o seu objetivo[2].

É uma declaração de intenções extraordinária para uma adolescente quase a fazer quinze anos. A última entrada que Anne Frank escreveu no seu diário data de 1 de agosto de 1944, três dias antes de ela ser presa juntamente com a família e o resto das pessoas escondidas. Otto Frank seria o único dos oito habitantes do Anexo a regressar dos campos de extermínio.

Depois da sua libertação no final da guerra, muitos sobreviventes foram incapazes de expressar com palavras o que tinham vivido. O escritor Elie Wiesel demorou uma década a conseguir escrever *Noite*. Perguntava-se: «Como é que alguém podia reabilitar e transformar palavras que o

inimigo tinha atraído e pervertido? Fome, sede, medo, transporte, seleção, fogo, chaminé... Todas essas palavras têm um significado intrínseco, mas naqueles tempos significavam outra coisa». Como é que se podia escrever sem usurpar e profanar o sofrimento atroz «desse universo enlouquecido e glaciado onde ser inumano era ser humano, onde homens educados e disciplinados vestidos de uniforme vinham para matar?»[3].

Quando Primo Levi propôs o seu livro *Se Isto é um Homem* à editora Einaudi de Turim, em 1947, tanto Cesare Pavese, que na altura já era imensamente conhecido, como Natalia Ginzburg, cujo marido tinha sido assassinado pelos alemães em Roma, recusaram publicá-lo. Levi tentou junto de inúmeras editoras e todas rejeitaram o livro. Era demasiado cedo, alegavam. «Os italianos tinham outras preocupações... não lhes interessava ler sobre os campos de extermínio alemães. O que queriam era dizer: “Acabou. Basta! Já chega deste horror”»[4].

A peça de teatro *O Diário de Anne Frank* e o filme posterior vão crescendo em intensidade até alcançarem o clímax com este comentário de Anne nas últimas páginas do diário:

*É de admirar que eu ainda não tenha abandonado todos os meus ideais, pois parecem tão absurdos e impraticáveis. E, no entanto, agarro-me a eles porque ainda acredito, apesar de tudo, que as pessoas são verdadeiramente boas, nos seus corações*[5].

Para as pessoas, era impossível enfrentarem o que tinha ocorrido: o assassinio à escala industrial, as valas comuns que aniquilavam todas as memórias pessoais das vítimas... Tanto na peça, como no filme, as alusões aos «alemães» foram trocadas por «nazis» e atenuavam-se as referências ao sofrimento dos judeus. Por exemplo, as menções ao Yom Kippur foram eliminadas, supostamente para reforçar a mensagem universal e secular da História. O tradutor da

edição alemã do diário, publicada em 1950, mascarou «todas as referências hostis aos alemães e ao alemão alegando que afinal de contas, um livro que se vai vender na Alemanha não pode maltratar os alemães»[6].

Mas, apesar de tudo, o diário parece ser um documento vivo. O seu acolhimento muda consoante aquilo que sabemos ou estamos dispostos a confrontar. No início da década de 1960, criaram-se livros, longas-metragens, museus e monumentos destinados a imortalizar o Holocausto. As pessoas estavam finalmente preparadas para encarar a loucura que o nazismo tinha sido e desejosas de analisar a indiferença perante a violência que tinha permitido que o fascismo se espalhasse como um vírus.

Agora é-nos muito mais fácil compreender o comentário de Anne no final do diário: *Há nas pessoas uma ânsia destrutiva, a ânsia da cólera, de assassinar e matar. E, até que toda a Humanidade, sem exceções, passe por uma metamorfose, as guerras continuarão a ser travadas*[7].

Pode perguntar-se que sentido faz, a esta altura, questionar quem terá traído Anne Frank no meio de uma guerra que aconteceu há tanto tempo. A resposta é que, passadas quase oito décadas desde o final da guerra, parecemos ter caído na complacência, e pensamos, tal como os holandeses outrora pensaram, que é impossível que aquilo ocorra aqui e agora. Mas a sociedade contemporânea parece estar cada vez mais suscetível ao confronto ideológico e à atração pelo autoritarismo, esquecendo a verdade mais elementar: que o fascismo incipiente se propaga como um cancro se não lhe for colocado travão.

O mundo em que Anne Frank viveu é bem prova disso. Quais são as verdadeiras ferramentas da guerra? Não se trata unicamente de violência física, mas também de

violência retórica. Numa tentativa de determinar como Hitler tinha chegado ao poder, o Gabinete de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos encomendou, em 1943, um relatório que explicava a estratégia do ditador: «Nunca reconhecer um erro ou uma falta; nunca assumir a culpa; concentrar-se num inimigo de cada vez; culpar esse inimigo por tudo o que corre mal; aproveitar cada oportunidade para gerar crispação política»[8]. Deste modo, a hipérbole, o extremismo, a difamação e a calúnia converteram-se muito rapidamente em veículos aceitáveis e normalizados de poder.

Ao observar a transformação de uma capital como Amesterdão sob a ocupação nazi, tornou-se evidente que, embora houvesse pessoas que apoiavam os nazis — quer fosse por oportunismo, por autoengano, por avareza ou por cobardia — e pessoas que se lhes opunham, a maioria delas simplesmente tratava de passar despercebida.

O que é que acontece quando os cidadãos não se podem fiar das instituições que deveriam protegê-los? O que é que ocorre quando se desmoronam as leis fundamentais que definem e salvaguardam o que é um comportamento decente? Na década de 1940, a Holanda foi como uma placa de Petri na qual se podia observar como é que as pessoas criadas em liberdade reagiam à catástrofe quando esta lhes batia à porta. Nos dias de hoje, ainda vale a pena que coloquemos essa mesma questão.

### 3

## A Equipa do Caso Arquivado

O gabinete da Equipa do Caso Arquivado encontra-se no extremo norte da cidade. Para lá chegar, há que atravessar o rio IJ no *ferry* que sai da Estação Central e liga o centro da cidade e Amesterdão-Noord. Com as suas duas torres de relógio, os seus torreões e a sua fachada de estilo gótico renascentista, a estação é tão grande que é fácil confundir-la com um palácio real até se entrar e se ver as lojas, restaurantes, linhas de comboio, entradas de metro e docas do *ferry*. Atravessá-la na atualidade e subir a bordo de um barco no rio Amstel, entre passageiros debruçados sobre bicicletas, é uma experiência quase surreal. A liberdade que emana é muito sedutora. Mas não é difícil imaginar os soldados da Wehrmacht a atravessarem o edifício enorme a passo marcial ou, no exterior, na praça, armados com bastões a conduzirem homens, mulheres e crianças pela rua abaixo, uma cena que Anne Frank testemunhou espreitando entre uma pequena abertura nos cortinados do edifício da frente da Prinsengracht 263 e que a devastou.

O gabinete da equipa, localizado numa zona residencial de construção nova, acabava por ser um espaço grande, organizado em três secções: a dos investigadores, a dos documentalistas e a do pessoal administrativo. Segundo me contaram, em janeiro de 2019, albergava uma equipa de

vinte e três pessoas e tinha uma «sala de operações», cronogramas nas paredes e fortes medidas de segurança para restringir o acesso. Um MuteCube insonorizado permitia que até quatro pessoas pudessem conversar confidencialmente.

Uma das paredes estava cheia de fotografias da hierarquia nazi, dos seus colaboracionistas holandeses do SD e dos informadores denominados V-Männer (homens) e V-Frauen (mulheres) — sendo que o *V* correspondia a *vertrouwens*, «de confiança» em holandês — que desempenharam um papel ativo na perseguição dos judeus. Debaixo desta galeria fotográfica havia uma pequena maquete tridimensional do número 263 de Prinsengracht, incluindo o Anexo da parte traseira.

Na parede em frente havia fotografias dos habitantes do Anexo Secreto — a família Frank, a família Van Pels e Fritz Pfeffer —, bem como dos seus protetores: Johannes Kleiman, Victor Kugler, Bep Voskuijl e Miep e Jan Gies. As paredes da sala de operações estavam ocupadas por mapas de Amesterdão em tempos da guerra e por um cronograma cheio de fotografias e recortes que representavam acontecimentos importantes relacionados com a traição.

Uma fotografia aérea de um metro quadrado do canal Prinsengracht, feita por um avião da RAF inglesa a 3 de agosto de 1944, cobria grande parte da outra parede. Foi tirada apenas doze horas antes da detenção dos ocupantes do Anexo. Nela distinguem-se claramente o escritório de Otto Frank, o armazém e o Anexo traseiro. As pessoas escondidas ainda estavam lá dentro. Ignoravam então que aquela seria a sua última noite de liberdade relativa. Thijs explicou-me que olhar para aquele mapa fazia com que a equipa se sentisse estranhamente ligada aos foragidos, como se o tempo se tivesse suspenso.

O sócio de Thijs, Pieter van Twisk, tem o carácter arisco de todos os bibliófilos, devido talvez à sua minúcia e à obsessão pelo pormenor; pode ter-se a certeza de que